

7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 14 de janeiro de 2026

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dab.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

Bolsas
Na terça-feira

0,13%
São Paulo

0,80%
Nova York

Pontuação B3
IBovéspa nos últimos dias

162.936
8/1 9/1 12/1 13/1
161.973

Na terça-feira

R\$ 5,376
(+ 0,06%)

Dólar

Últimos
7/janeiro 5,387
8/janeiro 5,389
9/janeiro 5,365
12/janeiro 5,372

Salário mínimo

R\$ 1.621

Euro

Comercial, venda
na segunda-feira

R\$ 6,263

CDI

Ao ano

14,90%

CDB

Prefixado
30 dias (ao ano)

14,87%

Inflação

IPCA do IBGE (em %)
Agosto/2025 -0,11
Setembro/2025 0,48
Outubro/2025 0,09
Novembro/2025 0,18
Dezembro/2025 0,33



RELACIONES INTERNACIONAIS

Fluxo anual de US\$ 3 bilhões

Donald Trump anuncia que pretende taxar em 25% os países que têm alguma relação comercial com o Irã, e Brasil corre risco de entrar na mira dos EUA

» RAFAELA GONÇALVES

A corrente comercial do Brasil com o Irã somou US\$ 3 bilhões, em 2025, volume parecido com o de 2024. O país do Oriente Médio respondeu por apenas 0,84% das exportações brasileiras totais, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

Essa relação bilateral ganhou nova dimensão após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciar na segunda-feira a intenção de impor tarifas de 25% aos países que tenham relações comerciais com o Irã. Segundo o republicano, a cobrança incidirá "sobre todas as transações comerciais realizadas com os Estados Unidos" por esses países, com efeito imediato, embora os detalhes da medida ainda não tenham sido formalmente divulgados pela Casa Branca.

O anúncio elevou o nível de alerta sobre possíveis impactos ao comércio exterior brasileiro, sobretudo no agronegócio, principal beneficiário da relação com Teerã. Em 2025, as vendas brasileiras para o mercado iraniano somaram US\$ 2,9 bilhões, consolidando o

país como o quinto maior destino das exportações nacionais para o Oriente Médio, atrás de Emirados Árabes Unidos, Egito, Turquia e Arábia Saudita.

O governo brasileiro acompanha a nova ameaça anunciada por Trump com cautela e informou que aguarda a publicação formal da ordem executiva americana para analisar seus termos e possíveis impactos.

Atualmente, as exportações brasileiras para os Estados Unidos, segundo maior parceiro comercial do Brasil, atrás apenas da China, operam sob um regime tarifário diferenciado. De forma geral, os embarques se dividem entre produtos que entram no mercado americano sem tarifas adicionais e mercadorias sujeitas a sobretaxas de até 40%, o que encarece os custos, reduz a competitividade e influencia diretamente a estratégia das empresas brasileiras no acesso ao mercado dos EUA.

A eventual nova taxação tende a gerar impactos negativos para a economia brasileira, avalia Haroldo da Silva, presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Corecon-SP). Segundo ele, a imposição de uma sobretaxa de 25% sobre produtos

Encarecer os produtos brasileiros que vão para o mercado estadunidense em 25% é um problema que se soma a outro"

Haroldo da Silva,
presidente do Corecon-SP

brasileiros exportados ao mercado americano agravia um cenário já delicado.

"Encarecer os produtos brasileiros que vão para o mercado estadunidense em 25% é um problema que se soma a outro", afirma. Haroldo destaca que, mesmo após exclusões recentes, cerca de 22% dos embarques brasileiros aos EUA ainda sofrem os efeitos do chamado "tarifaço". "Sequer resolvemos esse problema e já estamos na iminência de outro, no campo comercial", lamentou.

Agronegócio

No ranking global, o Irã ocupa a 31ª posição entre os destinos das exportações brasileiras. Em 2025, o mercado iraniano superou destinos tradicionais como Suíça, África do Sul e Rússia, impulsionado pela forte demanda por commodities agrícolas. O milho representou 67,9% dos embarques de produtos brasileiros para o Irã no acumulado de 2025, conforme os dados do Mdic.

No ano passado, o total das exportações brasileiras bateu recorde de histórico, mesmo sob cenário internacional adverso, somando US\$ 348,7 bilhões, dado US\$ 9 bilhões superior ao recorde anterior, de 2023. Os últimos três anos apresentam os melhores resultados históricos para a balança comercial.

Em relação a 2024, o aumento das exportações, no ano passado, em valores, foi de 3,5%. Em volume, o crescimento foi ainda maior: de 5,7%. Esse último percentual é mais do que o dobro do previsto pela Organização Mundial do Comércio (OMC) para o crescimento global em 2025, de 2,4%.

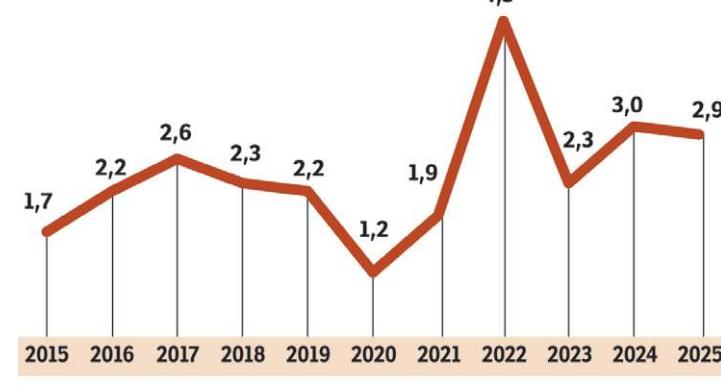
Leia mais sobre Irã na página 9

Comércio bilateral

Exportações do Brasil para o Irã recuaram 2,7% em 2025, totalizando US\$ 2,9 bilhões conforme dados do Mdic



EVOLUÇÃO
Exportações acumuladas — Em US\$ bilhões



US\$ 3 bilhões
corrente de comércio Brasil-Irã em 2025

US\$ 84,6 milhões
Volume importado pelo Brasil do Irã, dado 771,2% acima do registrado em 2024

US\$ 2,8 bilhões
Superavit da balança comercial do Brasil com o Irã

31º
Posição do Irã no ranking de exportações do Brasil

67,9%
Participação do milho nas exportações brasileiras para o Irã em 2025

POLÍTICA MONETÁRIA

Galípolo assina carta de apoio a Powell

O presidente do Banco Central do Brasil, Gabriel Galípolo, uniu-se a dirigentes de algumas das principais autoridades monetárias do mundo em uma declaração conjunta de apoio ao presidente do Federal Reserve (Fed), Jerome Powell, alvo de uma investigação criminal anunciada pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

A investigação foi aberta pelo presidente Donald Trump, defensor de uma redução abrupta da taxa de juros e crítico recorrente de Powell desde antes de reassumir a Presidência. Para o chefe do Fed, o episódio é um "pretexto" usado pela Casa Branca para tentar exercer pressão política sobre a autoridade monetária, especialmente na condução da política de juros.

No manifesto divulgado, ontem, pelos bancos centrais, os signatários reafirmam a autonomia técnica das instituições monetárias como um dos pilares da estabilidade econômica global. O documento destaca que a independência institucional é essencial para garantir a estabilidade de preços e o bem-estar da população, sempre dentro

dos princípios do Estado de Direito e da transparéncia democrática.

"O presidente Powell tem atuado com integridade, focado em seu mandato e com um compromisso inabalável com o interesse público. Para nós, ele é um colega respeitado, tido na mais alta estima por todos que com ele trabalharam", diz um trecho da declaração conjunta.

Ao aderir ao documento, Galípolo posiciona o Brasil ao lado de instituições de peso no sistema financeiro internacional, como o Banco Central Europeu (BCE), o Banco da Inglaterra e o Banco de Compensações Internacionais (BIS), o banco central dos bancos centrais.

Também assinaram o manifesto Christine Lagarde, presidente do BCE; Andrew Bailey, presidente do Banco da Inglaterra; François Villeroy de Galhau e Pablo Hernández de Cos, ligados ao BIS; além de representantes das autoridades monetárias da Suécia, Dinamarca, Suíça, Noruega, Austrália, Canadá e Coreia do Sul.

Segundo o texto, a mobilização

Ed Alves CB/DA Press



Gabriel Galípolo integra lista de vários líderes de bancos centrais

conjunta busca reforçar a importância da continuidade das políticas institucionais e do respeito aos mandatos técnicos dos bancos centrais, considerados fundamentais para a credibilidade do sistema financeiro e para a estabilidade econômica global. (RG)

» Banco Mundial reduz projeções do Brasil

O Banco Mundial (Bird) reduziu a estimativa para o crescimento da economia brasileira em 2025 e em 2026, mas segue esperando expansão de pelo menos 2% para o Produto Interno Bruto (PIB) do país, neste ano e no próximo. As projeções estão na edição mais recente do Relatório Perspectivas Econômicas Mundiais, divulgado ontem. O Bird estima que a economia brasileira tenha terminado 2025 com crescimento de 2,3%, taxa 0,1 ponto porcentual menor que a divulgada pela instituição em junho do ano passado. Para 2026, a expansão projetada é de 2,0%, ou 0,2 ponto porcentual abaixo da estimativa anterior, e para o ano que vem, de 2,3%, sem alteração. "Embora haja expectativa de alguma suavização da política monetária, depois de os juros chegarem a 15% ao ano em 2025, o nível ainda elevado dos juros reais, obstáculos relacionados ao comércio e a incerteza global elevada devem pesar sobre os investimentos e as exportações", disse o relatório.

Trump reforça ordem para queda de juros

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse, ontem, que quer alguém na cadeira de presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) que reduza a taxa de juros quando o mercado estiver "indo bem".

"Em outros tempos, a taxa de juros cairia ante bons números da economia", afirmou o republicano, em discurso em Detroit, Michigan (EUA). "Quero alguém no Fed que reduza os juros quando o mercado

estiver caminhando bem", acrescentou, após dizer que o presidente do Fed, Jerome Powell, acaba com qualquer "rali" nos mercados financeiros. Trump ainda se referiu a Powell como "idiota", ao afirmar que o presidente do BC americano estará fora do cargo "em breve".

O líder dos EUA também defendeu sua política tarifária, alertando que os dirigentes norte-americanos na Suprema Corte e no Congresso, que são contra a medida, estão dando apoio à China. "As tarifas deram trilhões de dólares em novos investimentos e parcerias sem precedentes. A Suprema Corte, agora, vai avaliar essas tarifas, e opções alternativas serão discutidas se perdemos na justiça."

Sobre a Venezuela, o presidente norte-americano afirmou que sua gestão está trabalhando com o governo de Caracas após o "ataque menos letal da história" e que os EUA estão recebendo "milhões e milhões de barris de petróleo" no valor de bilhões de dólares provenientes do país. "Vamos tornar aquele país Venezuela muito forte novamente", disse, reiterando que irá fazer os preços do petróleo "cairem ainda mais". Ao comentar sobre a inflação oficial norte-americana, divulgada ontem, de 2,7%, acima da meta de 2%, Trump voltou a comentar que os preços nos EUA estão em queda e lançará mais políticas para enfrentar o avanço dos valores de bens para os americanos. (Agência Estado)